

NARRATIVA DE VIDA E MANIFESTO: O RELATO DE GISÈLE HALIMI

Vanessa Pastorini

Doutoranda em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (USP). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Contato: vanessa.pastorini@usp.br.

Resumo: O presente artigo analisa, a partir da visão de argumentação proposta pela semiótica discursiva, a obra de Gisèle Halimi, *La cause des femmes* (1973), inserida no âmbito das pesquisas referentes às narrativas de vida (MACHADO, 2015; 2018; 2019). Para tanto, nos atentamos ao percurso gerativo de sentido, a partir da apreensão das categorias simples e abstratas às complexas e concretas – *nível fundamental, nível narrativo e nível discursivo* –, aprofundando a análise no nível superficial ou nível discursivo, com vistas ao remonte das relações estabelecidas entre o enunciador e o seu enunciatário. Ao trabalhar com a temática do aborto, observamos, portanto, as manobras argumentativas empregadas pelo enunciador, a fim de defender a causa das mulheres. Lançamos luz sobre as estratégias discursivas explicitadas no texto, como forma de compreender os instrumentos utilizados pela narra-

Résumé: Cet article analyse, dans la perspective de l'argumentation proposée par la sémiotique discursive, le travail de Gisèle Halimi, *La cause des femmes* (1973), insérés dans le cadre des recherches liées aux récits de vie (MACHADO, 2015; 2018; 2019). Ainsi, nous prêtons attention au parcours génératif du sens, à partir de l'appréhension des catégories simples et abstraites au complexe et au concret – *niveau fondamental, niveau narratif et niveau discursif* –, approfondissant l'analyse au niveau superficiel ou discursif, en vue de remonter les relations établies entre l'énonciateur et son énoncé. En travaillant sur le thème de l'avortement, on observe donc les manœuvres argumentatives employées par l'énonciateur, pour défendre la cause des femmes. Nous éclairons les stratégies discursives explicites dans le texte, comme une façon de comprendre les instruments

tiva para fazer-se aceita por esse público, mesclando a narrativa de vida e o gênero manifesto.

Palavras-chave: Narrativa de Vida; Semiótica Discursiva; Feminismo; Argumentação.

utilisés par le récit pour se faire accepter par ce public, en fusionnant le récit de vie et le genre manifeste.

Mots-clés: Récits de vie ; Sémiotique Discursive ; Féminisme ; Argumentation.

INTRODUÇÃO

A proposta do presente trabalho surgiu com o interesse de trabalhar com as *narrativas de vida*, conforme o termo relatado por Machado (2015). Ao abordar o conceito de *narrativas de vida*, a supracitada pesquisadora do discurso assinala que o ato de *contar-de-si* pode ser construído por atos de linguagens para fins diversos, variando segundo as escolhas daquele que conta: estruturar fragmentos da vida, cujo exercício consiste em um esforço de construir um material coerente para ser transmitido a alguém; ou, ainda, como um trabalho com a intenção de, ao final, permitir a realização de um balanço dos fatos vividos, com fins de decidir se valeram a pena ou não. Há, ainda, a possibilidade de outros impulsos levarem alguém a realizar um relato de vida, podendo surgir “quando menos se espera e onde menos se espera” (MACHADO, 2015: 3).

No artigo em que apresenta a *narrativa de vida* como materialidade discursiva, Machado (2015) acrescenta que as narrativas, além de contarem histórias, são também compreendidas como poderosos instrumentos de captação do leitor. Isso pode soar estranho em um primeiro momento, sobretudo quando se pensa no exercício de *falar de si* apenas para poder *falar de si*. Contudo, no âmbito da análise de discurso, concebe-se que todo o discurso carrega consigo uma manobra persuasiva, não importando os limites das tipologias textuais (argumentativo, descritivo ou narrativo). Toma-se, portanto, como premissa da comunicação, o fato de que é necessário fazer com o que aquele que lê acredite na *verdade* daquilo que lhe é oferecido, a partir de um *contrato de veridicção* (FIORIN, 2018). A concretização do contrato exige dois movimentos, em que se tem, por um lado o *fazer persuasivo* do enunciador, pautado no universo de valores compartilhado com o seu enunciatário. Também funcionando como co-enunciador do discurso, o enunciatário realiza o segundo movimento, necessário para o estabelecimento do contrato, o *fazer interpretativo*. O enunciatário se pauta, dessa forma, em

“um simulacro da visão de mundo e das intenções do enunciador para realizar o seu fazer interpretativo” (TATIT, 2019: 205).

Para compreender o poder persuasivo das narrativas de vida, alinhados com o aparato metodológico proposto pela semiótica discursiva, tomamos, como objeto de análise, a obra de Gisèle Halimi, *La cause des Femmes*, publicada em 1973. A escolha do texto, concebido por Halimi, não foi da ordem do acaso. Duas razões nos guiaram para a escolha desse *corpus*: o recente falecimento da autora, em julho de 2020; e a potencialidade da sua escrita, destacando-se, sobretudo, devido a sua especificidade persuasiva. Isso posto, além da importância do nome da autora no âmbito das políticas feministas da França¹, na primeira frase do livro *La cause des femmes*, o enunciador afirma que esta obra escreveu para convencer, ou melhor, “[c]onvencer aqueles e aquelas cujo ofício, em uma democracia, é o de postular e refutar leis” (HALIMI, 1973: 7, tradução nossa)². Todo o esforço da escrita se encontra direcionado de forma explícita para um objetivo, dando o primeiro tom a sua narrativa: o de convencer àquele que lê. Trata-se, nesse sentido, de uma *visada argumentativa* estruturada através do relato de vida.

Caminhando nesse sentido, o trabalho será dedicado, em um primeiro, momento à construção de um panorama da história de vida que nos foi apresentada por Halimi. Não apenas um *relato de vida*, o texto da autora também se enquadraria no gênero manifesto, em que se “tem a pretensão de se instaurar como uma forma de dizer pura, próxima de uma consciência e de escapar ao fluxo de comunicação” (MUSSALIM, 2013: 472). Observaremos, portanto, os percursos trilhados pelo enunciador no ato de *contar de si*, transpondo o percurso da narrativa para uma narrativa cada vez mais engajada politicamente.

No capítulo seguinte, com o intuito de melhor compreender as estruturas e estratégias adotadas para fins persuasivos, usaremos o aparato teórico-metodológico oferecido pela semiótica discursiva, ou semiótica greimasiana. Tal abordagem se concentra no estudo do *plano do conteúdo*³, depreendido

¹ Halimi, além de se apresentar como advogada com renome no cenário francês, também se sobressaiu graças as suas relações com Simone de Beauvoir, Françoise Fabian e Delphine Seyrig.

² «Pour convaincre ceux et celles dont la tâche, dans une démocratie, est de faire et de défaire les lois ».

³ A semiótica serve do plano para designar os “dois termos da dicotomia significante/significado ou expressão/conteúdo”. (GREIMAS; COURTÉS, 1983: 336).

através do *percurso gerativo do sentido*. Compreendido em três níveis, o percurso se constrói a partir de três patamares, responsáveis pela construção da significação a saber *fundamental*, *narrativo* e *discursivo*. Para o propósito deste estudo, nós dispensaremos uma maior atenção a este último, nomeadamente *nível discursivo*.

A atenção atribuída ao nível mais superficial do plano de conteúdo se justifica pela razão das ferramentas que este nos oferece para trabalharmos com as diferentes vozes encontradas esboçadas interior do discurso. Nosso enfoque recai, nesse sentido, na compreensão do sujeito da enunciação, notadamente o enunciador e o enunciatário. Consideramos, ainda, o relato de vida de Halimi como uma totalidade discursiva, em que a compreensão da voz que narra permite, desta forma, a apreensão da voz pressuposta pelo enunciado. Entretanto, é oportuno ressaltar que os demais níveis também se fazem presentes na estrutura constitutiva de todo e qualquer texto, visto que “o sentido do texto dependa da relação entre os três níveis”. (BARROS, 2005: 13).

Por fim, como forma de concluir o trabalho, propomos ressaltar o papel das narrativas de vida como instrumento de persuasão, como também associá-la a sua capacidade de ser um utensílio poderoso para a relevância de movimentos políticos. Ao relatar suas experiências como ser pertencente a um sexo subjugado em sua cultura, sofrendo as consequências de ser estrangeira na França, bem como seu percurso em defesa das mulheres, Gisele Halimi oferece um olhar especial sobre o papel das *narrativas de vida* no âmbito dos estudos discursivos. Em uma mistura de um *contar-de-si* com o manifesto político, atravessaremos a história de uma mulher que se viu, a todos os instantes, ligada a uma causa em comum: a liberdade da mulher confinada.

1 NARRATIVA DE VIDA – UMA TRAJETÓRIA POLÍTICA

A história do nascimento de Gisele Halimi se assemelha a de muitas mulheres nascidas no Oriente; no seu caso, na Tunísia. O que se observa, segundo a própria autora, é a tristeza sentida pelos pais por não ter sido um bebê do sexo masculino, o gênero tido como superior. Halimi relembra o que ouviu sobre o seu nascimento quando já estava bem crescida, pois o seu pai, ao receber a notícia de que se tratava de uma menina, não aceitou bem a novidade. Sempre que era interrogado sobre o parto da sua esposa, o pai de Halimi afirmava que ainda não tinha ocorrido; só veio a aceitar que de fato

se tratava de uma menina quinze dias depois. “Eles me diziam a maldição de ter nascido mulher” (HALIMI, 1973: 26, tradução nossa).⁴

Esse pequeno relato seguiu a jovem por um longo período e, desde sua infância, Halimi se viu marcada pelos preconceitos atribuídos ao segundo sexo. A autora relata, por exemplo, a ausência de uma educação sexual apropriada. Mesmo após sua primeira menstruação, sua mãe nunca relacionou esse fenômeno única e exclusivamente a fecundidade, momento em que a autora destaca: “tive que ler e aprender tudo sozinha” (HALIMI, 1973: 36, tradução nossa).⁵

Outro ponto lembrado após ter se tornado mulher foi o de ter sua vontade de nadar impedida, esporte autorizado apenas aos homens, sendo-lhe vedado o acesso a um dos lazeres que lhe era, portanto, predileto. Entretanto, a autora continua a sua narrativa, pontuando o fato de se ver obrigada a realizar afazeres domésticos enquanto seus irmãos se divertiam. Apesar da pouca idade no momento do relato, a autora constata ter desenvolvido um grau de consciência da injustiça que lhe era imposta.

(i) Apesar disso, no fundo eu não era impura nem inferior. No entanto, fui tratada como tal. Era isso a opressão. Eu fui uma vítima.... Essa opressão que pesava sobre mim, eu a assumi... Minha opressão virou revolta, virou um combate.

*(HALIMI, 1973: 37, tradução nossa)*⁶

Com apenas dezesseis anos, Gisèle se encontrou prometida em casamento, a mando da sua família, a um vendedor de óleos de trinta e cinco anos. Contudo, graças ao seu destaque acadêmico, a jovem consegue administrar o seu destino dando lições de latim e de matemática aos filhos de famílias mais abastadas. A muito contragosto, o seu pai permitiu que Halimi estudasse, visto que o seu irmão não obteve os mesmos resultados – ou melhor, que não obteve tamanho destaque quando comparado com a irmã. Todavia, apesar de a postura combativa adotada por Gisèle ao longo da sua infância, o mesmo não ocorre com sua irmã quatro anos mais nova. Segunda

⁴ « Ils me disaient la malédiction d’être née femme ».

⁵ « j’ai dû lire et apprendre toute seule ».

⁶ « Malgré cela, au fond de moi-même, je ne me trouvais ni impure, ni inférieure. Pourtant, on me traitait comme telle. C’était donc cela l’oppression. J’étais une victime... Cette oppression qui pesait sur moi, je l’ai assumée... Mon oppression devint alors révolte, combat ouvert ».

a autora, a caçula da família ressentida as diferenças com a sua irmã, fugindo com um italiano vinte e cinco anos mais velho. “Isso não resolveu o seu problema. Na verdade, nossa luta juntas foi curta”. (HALIMI, 1973: 35)⁷

Halimi tem consciência de que a única forma de fazer a diferença na sua vida, como também nas de outras mulheres, se daria por meio de estudos. Eis o momento em que decide que deve estudar na França, para se tornar advogada e comandar a sua própria vida. Entretanto, sua trajetória ainda seria perpassada por diversos traumas, como o da rejeição sofrida por ser uma estudante imigrante. Seus sonhos foram frustrados, pois tinha passado toda a sua juventude imaginando o país francês como o lugar da sua libertação.

(ii) E então, nessa faculdade de direito, eu acabara de descobrir que o racismo também existia entre os franceses. Isso me machucou muito. No meu país, aprendemos francês na escola, bem como toda a história da França. Sonhei com esta pátria de direitos humanos, esta pátria de uma fachada mágica...

(HALIMI, 1973: 43, tradução nossa).⁸

Sua vida no país francês, conforme demonstrado, não foi fácil. Além da ausência de amigos em sua rotina, acompanhada da solidão da distância de sua terra natal, aos dezenove anos, Halimi se viu na situação de uma gravidez indesejada. Temendo a condenação social que sofreria por parte da família, principalmente caso o pai descobrisse a existência da prática sexual da filha fora de um casamento, a autora conta que optou por realizar um aborto clandestino. Em decorrência do procedimento ter sido praticado de maneira precária, através da introdução de uma sonda, Halimi lembra ter sido acometida por uma grave infecção. Devido a seu estado de saúde fragilizado, a paciente teve que ser levada às pressas para a urgência do hospital, mesmo tendo evitado isso a todo custo. Contudo, em consequência de ter dado entrada com um quadro de aborto provocado, Halimi abre seu relato para uma situação traumática, em que médico decide por puni-la pela interrupção da gravidez. O responsável pelo seu tratamento optou, segundo

⁷ « Et cela n’a pas résolu son problème. En fait, notre lutte ensemble a tourné court ».

⁸ « Et puis, dans cette faculté de droit, je venais de découvrir que le racisme existait aussi parmi les Français. Cela m’a fait très mal. Dans mon pays, on apprenait le français à l’école, et toute l’histoire de la France. J’avais rêvé de cette patrie des droits de l’homme, de cette patrie au frontispice magique... ».

a autora, por realizar o procedimento de curetagem sem anestesia, ameaçando-a verbalmente durante todo o processo.

(iii) Fiquei ofegante, quebrada. Mais tarde, comparei o ocorrido à tortura. Um torturador de sangue frio decide, propositalmente, me fazer sofrer, me desintegrar. Ele espera que eu peça perdão, que eu grite: “Sim, não farei mais”. Eu tive uma dor terrível. Mesmo assim, eu teria suportado tudo, tudo, mas teria morrido em vez de implorar a esse cara que se deleitou ao querer me quebrar...

(HALIMI, 1973: 46, tradução nossa).⁹

Todo esse acontecimento irá marcá-la de forma negativa, trazendo-lhe uma sensação de culpabilidade que na verdade não deveria ter sentido. A autora aparenta chamar a atenção, por meio dessa passagem, para a reflexão da ausência de uma educação sexual adequada. Educação esta lhe fora negada pela própria mãe, como também a proibição que ao acesso a métodos contraceptivos. O que se ilustra é a ideia dominante de que mulher não foi feita para ter relações, senão para ter filhos.

Importante destacar que, por mais que a narrativa construída por Halimi siga a estrutura argumentada por Bertaux (1997), em que o relato de uma história de vida se configura segundo a sucessão temporal dos acontecimentos, eventos sociais específicos acarretaram em uma mudança no curso da narrativa. Por ter se tornado uma advogada engajada nos acontecimentos referentes a mulheres e aos de seu país de origem, a Tunísia, Gisèle Halimi começa a conectar em sua trajetória certos processos de caráter político, nos quais atuou em alguma medida. O seu primeiro embate relevante, segundo a própria autora (HALIMI, 1973), consistiu no processo *Moknine* (1953), em que atuou em defesa dos militantes tunisianos que participaram de manifestações contrárias ao então governo da Tunísia.

Anos mais tarde, Gisèle foi abordada pelo Manifesto de 343 (1971), idealizado por Simone de Beauvoir. O documento contava com 343 assinaturas de diferentes mulheres, inclusive a da própria Halimi, que declaravam explicitamente terem realizado, em algum momento da vida, um procedimento de interrupção voluntária da gravidez. Dentre os nomes, cons-

⁹ « J'en suis restée pantelante, brisée. Plus tard, j'ai assimilé cela à la torture. Un tortionnaire de sang-froid, volontairement, décide de me faire souffrir, de me désintégrer. Il attend que je demande pardon, que je crie : 'Oui, je ne le ferai plus.' J'avais eu atrocement mal. Pourtant j'aurais tout enduré, tout, mais je serais morte plutôt que de supplier ce type qui se délectait à vouloir me casser... ».

tatava-se a presença de grandes celebridades, como Catherine Deneuve, Marguerite Duras, Françoise Sagan, Ariane Mnouchkine, Delphine Serug. Logo em seguida vieram o projeto Chosir¹⁰ (1971) e o processo de Bobigny (1972), também conhecido como o caso Marie-Claire¹¹.

Ao se ver inserida no movimento de lutas pró-aborto, em defesa da liberdade das mulheres de atuarem sobre os seus próprios corpos, Gisèle narra que o restante da sua carreira/vida se encontrou ligada à causa. Ao se envolver em outros processos que visam à revisão de leis que reprimem as mulheres, reconhecendo a importância da sua posição na sociedade, Gisèle Halimi percebeu que não iria parar de buscar novas batalhas, em ajudar àqueles que precisavam.

(iv) Eu mesma, por exemplo: me benefico de um tratamento preferencial porque ocupei um espaço entre os homens e pretendo mantê-lo como a mulher que sou... sem falsidade e sem complexos, o tanto quanto posso. Mas a cada dia que passa, um incidente, um gesto, uma palavra me lembra que não estou totalmente liberada e que ainda tenho batalhas a travar, por mim e pelos outros.

(HALIMI, 1973: 178)¹²

Muito do conteúdo encontrado no livro não pode ser aqui relatado, devido ao espaço restrito de um trabalho e aos objetivos por nós delimitados. Entretanto, para aqueles que se interessem pelo complexo desenvolvimento das lutas feministas, como pela trajetória percorrida na França desde o debate da lei de 1920, até a conquista da legalização do aborto e dos métodos de contracepção, o livro *La cause des femmes* é fortemente recomendado.

¹⁰ Criado em julho de 1971, o movimento Choisir buscava educação sexual e contraceptiva, revogação da lei antiaborto de 1920, como oferecer proteção às mulheres que praticaram o aborto.

¹¹ Marie-Claire, de 16 anos na época, fora estuprada pelo colega de classe. Ajudada pela própria mãe, Marie faz o procedimento de aborto em condições precárias. Tanto ela quanto a mãe são tomadas como culpadas e levadas à justiça.

¹² « Moi-même par exemple: je bénéficie d'un régime de faveur parce qu'j'ai pris une place parmi les hommes et que j'entends la tenir comme la femme que je suis... sans tricherie et sans complexes, autant que je le puis. Mais tous les jours, un incident, un geste, un mot me rappellent que je ne suis pas tout à fait libérée et qu'il me reste des batailles à mener, pour moi-même et pour les autres. »

2 ANÁLISE DISCURSIVO-ARGUMENTATIVA: SEMIÓTICA GREIMASIANA

Para adentrarmos na análise dos fragmentos da história de Gisele Halimi, é preciso, antes, algumas considerações sobre o aparato teórico-metodológico usado. A semiótica discursiva, também conhecida como semiótica greimasiana, compreende o *texto* segundo um *todo de sentido*, depreendido a partir da assimilação de um *plano de conteúdo* e de um *plano de expressão* (LARA; MATTE, 2009).

O *plano de expressão* pode ser dar a partir da linguagem verbal, visual, sonora ou sincrético, “em que uma unidade formal de sentido integra diferentes linguagens” (TEIXEIRA, 2004: 230). No caso da análise de um texto verbal, são levadas em consideração aspectos relacionados às letras, palavras, e frases, ou a função contrastiva entre letras maiúsculas e minúsculas (LARA; MATTE, 2009). Em contrapartida, o *plano de conteúdo* se encontra na imanência do texto, passível de ser depreendido graças a um *percurso gerativo de sentido*.

No caso da análise aqui esboçada, o que nos interessa é apenas o *plano de conteúdo*, a partir do estudo do percurso, deixando de lado aspectos relacionados ao plano de expressão¹³. Configurado em três níveis de pertinência de análise semiótica, separados hierarquicamente – *fundamental*, *narrativo* e *discursivo* –, o *percurso gerativo de sentido* parte das categorias mais simples e abstratas, rumo às mais complexas e concretas. Cada um desses níveis apresenta, ainda, uma sintaxe e em uma semântica que lhes são próprias¹⁴. Nos deteremos, neste trabalho, no nível narrativo e, em especial no nível discursivo, por serem estes os patamares pela construção da persuasão estabelecida entre enunciador e enunciatário.

O *nível fundamental* é onde se organiza a estrutura elementar de um texto, através de uma oposição semântica. A obra de Halimi é estruturada segundo a oposição sintática de dois termos-objetos: *liberdade* vs *opressão*. Ou seja, o complexo de significante a ser encontrado na narrativa se fundamentará a partir da relação entre os dois pressupostos lógicos, posto que “um só

¹³ Por mais que o texto se dê pela junção entre o conteúdo com a sua expressão, no caso do relato de Halimi, por se tratar de um texto predominantemente verbal, os sentidos se concentram, neste caso, no seu nível imanente.

¹⁴ Diferentemente das acepções encontradas na gramática, a sintaxe e a semântica, na teoria do discurso, assumem outros significados. A sintaxe refere-se a “um conjunto de regras que rege o encadeamento das formas de conteúdo na sucessão do discurso” (FIORIN, 2018: 21), em que cada combinação de formas produz sentido. A semântica seria, portanto, o revestimento de conteúdo oriundo da relação sintática.

termo não significa” (BARROS, 2002: 21). Temos, portanto, a *liberdade*, na semântica fundamental, como índice axiológico eufórico (positivo) e a *opressão* compreendida como categoria disfórica (negativa).

Retomando o quadrado semiótico enquanto modelo de previsibilidade, depreendemos a projeção de cada elemento contrário, por meio da operação de *negação*, o seu elemento *contraditório* e por meio da *asserção*, seu elemento *contrário* (BARROS, 2002). As transformações ocorridas no relato de Halimi se dão, nessa perspectiva, pela passagem da opressão para sua negação (não-opressão), à sua asserção (liberdade).

No estrato superior na análise do *plano de conteúdo*, o *nível narrativo* é aquele em que as estruturas básicas encontradas no *nível fundamental* são enriquecidas. Deve ser pensado, portanto, como um espetáculo que simula o fazer do homem que transforma o mundo (BARROS, 2005: 20). No texto de Halimi, antecipamos se tratar da relação entre os actantes do enunciado elementar como sendo uma relação em que o *sujeito* se encontra em *disjunção* com o *objeto valor* liberdade. Toda narrativa segue a luta da personagem que está em um constante exercício para reverter a situação e, dessa forma, passar para o estado *conjuntivo* com a liberdade perdida. Será a luta contra a opressão vivida, seguida por relatos de acontecimentos opressivos das mulheres, a esteira por onde a narrativa se construirá, conforme ilustraremos durante a análise.

Retomando, ainda no nível da sintaxe narrativa, os mecanismos que levam o destinatário a *crer* como sendo seus valores oferecidos pelo destinador, a partir do fazer manipulador deste. Conforme elucida Barros (2002), a manipulação pode ocorrer por provocação, sedução, tentação e intimidação. Faz-se necessário que o destinatário “*creia ser verdadeiro* o objeto apresentado, o discurso do outro e o próprio enunciador” (BARROS, 2002: 37, grifos no original). Para a efetivação da manipulação, ambos os participantes comunicativos devem compactuar dos mesmos valores, concretizando a manipulação. No caso da narrativa escolhida para análise trabalho, vemos a predominância da manipulação por *tentação*, modalizando o destinatário a um *querer-fazer*.

Feita essa revisitação às profundezas do texto de Halimi, passemos para o nível que se encontra na manifestação, constituído pelo *nível discursivo*, mais pertinente para a proposta deste estudo. Entretanto, antes de iniciar o estudo do relato, evocamos a justificação da autora do porquê de ter optado escrever à maneira de um relato de vida, e não por outra forma.

(v) *E se eu relatei algumas características da minha infância e do meu aprendizado como mulher, é que eu queria dizer às outras mulheres -*

especialmente as mais vulneráveis – que por mais difícil e inextricável que tenham sido, meus caminhos me levaram até elas e à luta comum. Que a fraqueza se torne força com o nascimento da consciência. E que dessa força consciente nasça a mulher adulta

(HALIMI, 1973: 9, tradução nossa)¹⁵

No *nível discursivo*, apreende-se que a instância do enunciado pressupõe um fazer enunciativo, a partir da instauração de um *sujeito* responsável pela produção do discurso, o enunciador e o enunciatário. Este projeta, no interior do enunciado, um *eu* e um *tu*, a saber o narrador e o narratário. No caso do relato analisado, empreende-se um simulacro entre a voz que enuncia e a voz que narra, permitindo, portanto, a adoção dos termos enunciador e enunciatário para abordar o conteúdo estudado.

É importante destacar, ademais, que o enunciador e o enunciatário são o autor e o leitor. Contudo, não se trata do autor e do leitor reais, de carne e osso, mas sim de “uma imagem do autor e do leitor construída pelo texto” (FIORIN, 2018, p. 56). Ao observar o fragmento (v), compreendemos que a história ali contada visa a um público específico, como forma, sobretudo, de justificativa para a seleção dos acontecimentos ali relatados.

No caso da obra aqui analisada, observamos um enunciador figurativizado a partir da pessoa de Gisèle Halimi, e o enunciatário, aquele a quem ela se dirige e que funciona, portanto, como *coprodutor* do seu discurso, corresponde às mulheres francesas de um modo amplo. De acordo com Fiorin, “a imagem do enunciatário a quem o discurso se dirige constitui uma das coerções discursivas que obedece o enunciador” (FIORIN, 2018: 56). A argumentação construída por Halimi será, nesse sentido, voltada para esse grupo de mulheres, posto que “a cultura própria de cada auditório transparece através dos discursos que lhe são destinados” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005: 23).

Em um primeiro momento, é importante sublinhar que, para que o enunciatário compreenda os efeitos patêmicos provocados, é preciso, antes de mais nada, que ele acompanhe a *voz-que-narra* (MACHADO, 2019: 81). Nesse sentido, Gisèle Halimi constrói a narrativa atestando que, desde a infância até o momento-chave da luta em favor do aborto e da contracepção, toda sua

¹⁵ « Et si j'ai raconté quelques traits de mon enfance et de mon apprentissage de femme, c'est que je voulais dire aux autres femmes – surtout aux plus vulnérables d'entre elles – que pour durs et inextricables qu'ils aient pu apparaître, mes chemins m'ont menée vers elles et la lutte commune. Que la faiblesse devient force quand naît la conscience. Et que de cette force consciente doit naître la femme adulte. ».

vida se viu guiada para esse objetivo. O que se observa é o uso de acontecimentos que fazem parte do repertório subjetivo da narradora, com termos que carregam sentidos de “sofrimento”, “impotência” e “dor”, por exemplo. O uso de adjetivos afetivos permite a validação intersubjetiva, levando em consideração que aquilo que me emociona deverá emocionar também ao meu semelhante. Pode-se inferir, ademais, que este movimento permite, paradoxalmente, uma busca por objetividade (MICHELI, 2014), em que a transmissão dos fatos elencados é o foco do enunciador.

Tendo em vista o cuidado necessário ao se tratar de um assunto tão problemático para muitos, outro aspecto que deve ser repetidamente ressaltado é a constante busca pela adesão do auditório. Federici (2017) lembra que desde a Bula de Inocência VIII, em 1484, as práticas contraceptivas e os abortos, empreendidos por curandeiras, passam a ser consideradas práticas de bruxaria, em fenômeno de domesticação das mulheres que ecoa na contemporaneidade. Nesse sentido, ao optar por trazer uma carga sentimental e subjetiva para todo os transmite que levaram a legalização do aborto, Halimi demonstra ainda uma preocupação com o estado de espírito do seu enunciatário, o que permite que o texto da autora seja mais facilmente aceito pelo mesmo (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005).

Em um outro fragmento, Gisèle Halimi relata ter passado uma vez mais pelo procedimento de um aborto clandestino. Não diferente da primeira vez, o seu corpo sofre novamente pela precariedade do procedimento abortivo, o que ocasionou em uma nova infecção.

Entretanto, o cenário agora é outro. Decidida a participar do processo *Moknine* como advogada, em defesa dos militantes que protestavam pela liberdade da Tunísia, a nova gravidez não planejada de Halimi perturbou a sua atuação enquanto profissional, reforçando o seu desejo pelo aborto. Gravidez acometida pelo uso de métodos contraceptivos arcaicos propostos pelo seu próprio ginecologista.

Não se tratou de um ato inconsequente de uma jovem, como poderia ser inferido na interpretação do primeiro caso, mas de uma falsa sensação de controle do seu próprio corpo, que por fim lhe havia sido negado pelo seu médico de confiança. Conforme lembra a autora, “[p]odia eu, mulher, agir sobre qualquer coisa, sobre qualquer um, sobre a justiça, eu, que não podia agir livremente sobre eu mesma?” (HALIMI, 1973: 48, tradução nossa).¹⁶

¹⁶ « Est-ce que je pouvais, femme, agir sur quelque chose, sur quelqu'un, sur la justice, moi qui ne pouvais librement agir sur moi-même? ».

É importante sempre termos em mente que todo ato de comunicação se configura como um complexo *jogo de persuasão*, com o objetivo final de se fazer o enunciatário acreditar naquilo que se é transmitido. Mesmo se tratando de um *narrar de si*, vê-se uma busca de persuasão estabelecida na relação entre os parceiros enunciativos. Conforme assinala Barros (2005), o enunciador espalha pistas no enunciado, determinando “como o enunciatário deve interpretar o discurso, deve ler ‘a verdade’” (p. 61, grifos no original). Todavia, as marcas deixadas pela instância enunciativa, ao buscar a persuasão do seu enunciatário, devem estar em conformidade com a verdade assumida por este último. Nesse sentido, “até mesmo a competência interpretativa do enunciatário é objeto de consideração do enunciador” (TATIT, 2019: 205).

Ao relatar um acontecimento de coerção que lhe fora infringido, a autora trabalha com um procedimento de argumentação por ilustração de cunho pessoal, em que “o narrador enuncia uma afirmação geral e dá exemplos com a finalidade de comprová-la” (FIORIN, 2018: 75). Tendo afirmado a ausência de uma liberdade de agir sobre o seu próprio corpo, Halimi nos oferece um argumento, estruturado por meio de uma pergunta retórica, direcionado ao seu enunciatário. Não apenas preocupada com o estado de espírito do seu parceiro comunicativo, a autora o convoca a participar da cena enunciativa.

Elucidando o jogo retórico empregado pela autora, agora a partir dos estudos da narrativa de vida, Machado (2019) constata que o *autor* insere em seu relato o ponto de vista que lhe é próprio sobre o mundo ao seu redor. Esse fenômeno pode ocorrer, majoritariamente, de duas formas: por meio de uma escrita neutra, em um esforço de se silenciar a presença de quaisquer sentimentos; ou por meio da introdução de elementos linguísticos passíveis de emocionar o leitor, “para fazê-lo compreender melhor tudo o que foi vivido” (MACHADO, 2019: 80). Ao mesmo tempo em que carregava a responsabilidade de ter que trabalhar em um processo cuja demanda principal era a de conquistar a libertação de presos políticos tunisianos, a autora se vale do uso do relato de um acontecimento pessoal, se valendo de forma intencional do *argumento ilustrativo*, provocando, portanto, de forma objetiva aquele que lê a narrativa.

Prosseguindo com a análise, ao acompanharmos a evolução da elaboração da história, percebemos que a autora começa a abrir espaço em sua narrativa para o diálogo com outras vozes. Conforme é ilustrado pelo fragmento (vi), a escrita de Halimi demonstra não se tratar mais de um percurso construído individualmente, introduzindo, a partir desse momento,

a pessoa do nós (*nous*). Trata-se, nesse sentido, da suspensão do relato de vida por parte da voz que narra, para adentrar na configuração de um coletivo de mulheres, notadamente a associação “*Choisir*”:

(vi) *Suprimir a repressão é algo benéfico. Mas, acima de tudo, queríamos organizar a liberdade de maneira positiva. Esse era o nosso objetivo... Suprimir a repressão é para nós a condição necessária, mas não suficiente para que as mulheres desfrutem de sua verdadeira liberdade.*

(HALIMI; 1973 : 108-110, tradução nossa).¹⁷

Halimi não apenas insere na construção da narrativa a sua voz, atestado pelo uso recorrente do ‘eu’ (*je*), configurando-se como uma *enunciação-enunciada*, mas também a concebe a partir de um grupo específico, em que o ‘eu’ (*je*) se assimila a um ‘elas’ (*elles*). Ao retomarmos o uso do pronome ‘nós’ (*nous*), sublinhamos que se constitui como uma *pessoa amplificada*. No caso do relato de Gisèle Halimi, em que temos a assimilação da narrativa em primeira pessoa com o seu parceiro comunicacional em terceira pessoa, observamos o que se postula como *plural do autor* (FIORIN, 2016: 85). A narradora não fala sozinha, traz, ao contrário, uma comunidade que a auxilia a sustentar os seus argumentos. Tem-se, nesse sentido, interlocutores selecionados que *co-enunciam* a mesma coisa (CHARAUDEAU, 1992: 123).

Não apenas para designar o coletivo ao qual faz parte, a trajetória proposta por Gisèle Halimi busca, conforme assinalado pelo jogo retórico de pergunta, se aproximar do seu enunciatário, inserindo-o na problemática apresentada. Na passagem (vii), vemos o uso do imperativo ‘digamos’ (*disons*), atrelado ao emprego possessivo ‘nosso/a’ (*nos*).

(vii) *Digamos, rapidamente, que o capitalismo é certamente causador da maioria de nossos males, mas que não é o único responsável por eles. Da mesma forma, podemos dizer que a transição para o socialismo é uma condição necessária, mas de forma alguma nos é suficiente.*

(HALIMI; 1973 :167, tradução nossa).¹⁸

¹⁷ « Supprimer la répression, c’est bien. Mais nous voulions surtout organiser positivement la liberté. Tel était notre but... Supprimer la répression est pour nous la condition nécessaire mais non suffisante pour que la femme jouisse d’une véritable liberté en ce domaine ».

¹⁸ « Disons, pour faire vite, que le capitalisme est responsable certes de la majeure partie de nos maux, mais qu’il n’en est pas l’unique responsable. De la même manière, on peut dire que le passage au socialisme est à nos yeux une condition nécessaire, mais en aucun cas suffisante. ».

No esforço de aludir aos males que recaem sobre a parcela feminina da sociedade, o enunciador convoca as mulheres que compactuam com o exposto, a partir de “um *pacto de aliança* que incita os sujeitos a participarem da ação enquanto heróis coletivos” (CHARAUDEAU, 1992: 159, grifos no original, tradução nossa)¹⁹. Depreendemos, portanto, um distanciamento do relato de vida, caminhando em direção ao gênero manifesto

Ao abordar o uso dos pronomes ao longo da narrativa, é possível sublinhar, ademais, as passagens em que Halimi não faz mais referência a si mesma, muito menos a um grupo do qual integra. Ao contrário, são fragmentos em que são apresentados os relatórios das audiências mais importantes, ou em que são esboçadas as conquistas oriundas desde o Manifesto 343, ilustrando a mudança de atitude para uma visada mais política. No fragmento abaixo (viii), observa-se as atribuições possíveis de um centro de ortogenia, estipulado pelo coletivo *Choisir*.

(viii) - *Prática e oferecimento de educação sexual; - Prática e distribuição de anticoncepcionais gratuitos; - Colocação de DIUs; - Distribuição de pílulas; - Consultas e prescrições gratuitas; - Treinamento de profissionais (ensinando o método Karman aos estudantes de medicina e a equipe paramédica).*

(HALIMI, 1973: 148, tradução nossa).²⁰

Nesse momento, ao interpretarmos o efeito de enunciação procurado pela autora, percebemos que a narrativa passa de uma *debreagem enunciativa*, com projeção do eu-aqui-agora, para uma *debreagem enunciativa*, por meio da projeção do ele-alhures-então. Segundo Fiorin (2018), “narrar em primeira ou terceira pessoa é uma opção feita pelo enunciador, visando transmitir efeitos de objetividade ou de subjetividade” (p. 64). Ao trazer a narração dos processos relativos à reivindicação pela legalização do aborto, Halimi sai do campo da subjetividade, o domínio do individual e pessoal, e o remaneja para um discurso mais objetivo. Ocorre um distanciamento da cena enunciativa, permitindo que as colocações sejam expressas por *si só*.

O uso de relatos pessoais, carregados de subjetividade, com consonância com uma narrativa tida como neutra, ou seja, uma narrativa com fins de

¹⁹ « Un *pacte d'alliance* qui institue les sujets participant à l'action en héros collectif ».

²⁰ « Pratique et dispense de l'éducation sexuelle; - Pratique et dispense de la contraception gratuite; - Pose de stérilets; - Distribution de pilules; - Consultations et ordonnances gratuites; - Formation de praticiens (enseignement de la méthode Karman aux étudiants en médecine et au personnel paramédical) ».

transparecer mais objetiva (RANCIÈRE, 2001 *apud*. MACHADO, 2019), permitiu, nessa perspectiva, a transição entre um *contar-de-si* rumo a um manifesto feminista. Esse jogo entre o uso de relatos oriundo do subjetivo, alinhados com acontecimentos narrados de forma objetiva, configura a existência do livro de Halimi dividida entre dois segmentos antagônicos: narrativa de vida e manifesto pela libertação sexual da mulher.

3. RESULTADOS

O relato de vida de Gisèle Halimi é um relato de uma trajetória de lutas em busca de um bem comum: o direito da mulher de decidir sobre o seu próprio corpo. Conforme relembram as historiadoras Duby, Fraisse e Perrot (1977)

após qualquer guerra a vida é sagrada! Por toda a parte se tende então a assimilar o aborto ao infanticídio: o feto, e mesmo o embrião, tronam-se seres humanos de pleno direito (p. 374).

A argumentação construída pela autora pode ser medida, nesse sentido, “pelos obstáculos que a ação supera” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005: 55). Indo contra os discursos pró-vida, resultantes do fenômeno pós-guerra, a autora se abre para o leitor, dando a ele o acesso aos pormenores da sua vida, sem perder de vista o seu objetivo principal – o de lutar pelas mulheres.

No seu ato de contar, Halimi assinala a necessidade de se revisitar as suas raízes, perdidas nas profundezas da memória, em um esforço de trabalhar com esse seu passado perdido a fim de justificar, ademais, as suas atitudes empreendidas ao longo da vida.

(ix) ... reconectar-se à identidade perdida. Eu recolho dentro de mim mesma, mulher homogênea, lúcida. Eu desço nas minhas profundezas. Encontro minhas raízes das quais fui cortada há tanto tempo! É a festa. É o reencontro. O grito. O canto. O caldeirão de culturas está borbulhando, múltiplo, intacto. Soberbos e novos surgem a linguagem, a imagem, o mundo.

(HALIMI, 1973: 22, tradução nossa).²¹

²¹ « ... renouer avec l'identité perdue. Je me ramasse dans moi, femme, homogène, lucide. Je descends dans mes profondeurs. Je retrouve mes racines dont si longtemps j'ai été coupée! C'est la fête. Les retrouvailles. Le cri. Le chant. Le creuset bouillonne, multiple, intact. Superbes et neufs surgissent le langage, l'image, le monde. ».

Retomando a noção de relato de vida, é preciso, ainda, conforme assinala Machado (2019), ter em mente que a necessidade implicada em tal ato de se vistoriar a memória, para assim poder reconstruí-la por meio da linguagem. Ao visitar as profundezas de sua história, Gisele Halimi recorre da combinação entre acontecimentos reais e criação ficcional, como forma de preencher as lacunas encontradas no exercício de se lembrar (MACHADO, 2019). Entretanto, tal empreitada não desvaloriza a história contada. Pelo contrário, trata-se de um esforço no qual “a inclusão de uma dose de ficção que a imaginação do narrador constrói como verossímil, apropriada à sua narrativa de vida” (MACHADO, 2019: 75).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de Gisèle Halimi mostra a luta de ser uma mulher, em um âmbito de uma sociedade que a qualifica sempre como incapaz até mesmo de cuidar do seu próprio destino. Pudemos, por meio da análise empreendida, perceber o uso persuasivo na estruturação de um relato pessoal. Halimi aborda um assunto ainda por muitos enxergados como um tabu, permitindo ao enunciatário enxergar o seu mundo pessoal e compreender, de certa forma, os bastidores da sua luta. Nesse sentido, ao narrar sua trajetória, perpassada por opressões e de uma constante luta pela reformulação da lei contra aborto, a autora se aproxima das mulheres a quem ela se dirige a partir do seu *falar de si*, por ser essa uma linguagem comum entre elas (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005).

Ao ler sua trajetória, constatamos ser esta marcada por diversos altos e baixos. Variações que culminam na organização cujo objetivo final é o de impedir que outras mulheres tenham que passar pelos mesmos sofrimentos, consequência de uma interdição de poder exercer o controle sobre seus corpos. Para encerrar a análise aqui empreendida, retomemos a última frase do livro: “Revolução feminina? Eu não acredito. Mas as mulheres, a ala itinerante de uma nova revolução, isso sim! Com certeza sim! ...” (HALIMI, 1973: 190, tradução nossa).²²

²² « Révolution des femmes ? Je ne crois pas. Mais les femmes, aile marchante d'une nouvelle révolution, oui ! A coup sûr, oui !... ».

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Ática, 2005.

BERTAUX, D. *Les récits de vie*. Collection 128. Paris: Nathan, 1997.

DUBY, Georges; FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Edições Afrontamento, 1994. 4v.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da Enunciação*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

_____. *Elementos de Análise do discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo : Elefante, 2017.

GREIMAS, Algirdas Julius; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. Tradução de Alceu Dias lima et al.. São Paulo: Cultrix, 1983.

HALIMI, Gisele. *La cause des femmes: propos recueillis par Marie Cardinal*. Paris: Grasset, 1973.

LARA, Gláucia Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. *Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

MACHADO, Ida Lucia. A narrativa de vida como materialidade discursiva. *Revista da Abralin*, volume XIV, número 2, jul/dez, 2015.

_____. As duas vidas de uma transclasse. In: EID&A - *Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação*, vol. 2, set/dez, p. 71-92, 2019.

MICHELI, Raphaël. *Les émotions dans les discours: Modèle d'analyse, perspectives empiriques*. Louvain-la-Neuve : Deboeck, 2014.

MUSSALIM, Fernanda. A enunciação aforizante: o caso do gênero manifesto. In: *D.E.L.T.A.*, vol. 23, p. 467- 484, 2013.

PERELMAN, Chaim & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação. A nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. S'il y a de l'irreprésentable. In : NANCY, J.L. *Le genre humain número 36*. L'Art et la mémoire des camps. Représenter, exterminer. Paris : Seuil, p. 81-102, 2001.

TATIT, Luiz. A abordagem do texto. In : FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística : 1. Objetos teóricos*. São Paulo : Contexto, 2019.

TEIXEIRA, Lucia. Entre dispersão e acúmulo : para uma metodologia de análise de textos sincréticos. *Niterói* , n. 16, p. 229-242, 2004.

Submetido em: 25/12/2020

Aceito: 09/02/2021